

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JULIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ELITIZAÇÃO EM PRETO E BRANCO
RAFAEL FRANCISCO DE PAULA

BAURU 2017

RAFAEL FRANCISCO DE PAULA

ELITIZAÇÃO EM PRETO E BRANCO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" como requisito parcial para a obtenção do certificado de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

BAURU 2017

RAFAEL FRANCISCO DE PAULA

ELITIZAÇÃO EM PRETO E BRANCO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" como requisito parcial para a obtenção do certificado de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Prof. Dr. Denis Porto Renó
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Profª. Drª. Ana Beatriz Pereira Andrade
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Agradecimentos

A minha mãe, Maria Arlinda de Paula, pelo amor incondicional e paciência infinita, que me ensinou o valor do trabalho e determinação. A minha amada avó (*in memoriam*) Benedita Francisca Pereira, por ter ficado ao meu lado e me apoiado em todos os momentos. O amor e a saudade por você me acompanhará por todos os dias de minha vida.

Ao Prof. Me. Juliano Souza, pela gigantesca disposição em ajudar que, mesmo ante a nenhuma vantagem a si e enorme trabalho, nunca negou auxílio e orientação.

Aos amigos que me acompanharam durante toda a minha formação, em especial a Bernardo Fontaniello, irmão mineiro, Giovane Rocha e Rodrigo Pinheiro, companheiros de estudos e risadas.

Aos companheiros da Moradia Estudantil da Unesp Bauru, que vivenciam, dia após dia, as mesmas dificuldades e provações para que possamos realizar nossos sonhos. Em especial aos amigos Gustavo Paulo da Silva, Raul Molina e Lídia Arruda, que nunca me negaram qualquer forma de auxílio durante os meses da realização deste projeto, e a Jessica Grassi, irmã que a vida me presenteou, a qual estará em minhas memórias enquanto eu respirar.

Sem cada um de vocês, seria impossível chegar onde estou, e por isso agradeço.

RESUMO

Este Projeto Experimental é uma reportagem fotográfica, feita para a internet, sobre a desigualdade e elitização da universidade pública, focalizando especificamente a Unesp Bauru. O objetivo principal desta reportagem documental é denunciar, através da linguagem fotográfica, uma questão de elitização e clareamento da universidade pública no Brasil, utilizando a Unesp Bauru como um corte para entender o problema. Este projeto tem como objetivo realizar uma construção de imagem para o que é o jornalismo. Como resultado, o fosso social é apresentado nos bancos das universidades publicadas por esta reportagem.

Endereço do website: <https://rafitokobra.wixsite.com/elitizacaoempeb>

Palavras-chaves: Fotorreportagem. Universidade Pública. Desigualdade Social.

ABSTRACT

This Experimental Project is a reportage photography, made for the internet, on the inequality and elitisation of the public university, focusing specifically on the Unesp Bauru. The main objective of this documentary reportage is to denounce, through the photographic language, a question of the elitisation and whitening of the public university in Brazil, using Unesp Bauru as a cut to understand the problem. This project aims to realize an imaging construction for what is journalism. As a result, the social gulf is presented in the benches of the universities published by this reportage.

Website address: <https://rafitokobra.wixsite.com/elitizacaoempeb>

KeyWords: Reportage Photography. Public University. Social Inequality

.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
1.1 Objeto da Pesquisa e Objetivos	8
2. Fundamentação Teórica	11
2.1. Justificativa de Gênero e Formato Escolhido	11
2.2. Conceitos e Fundamentação do Produto	13
2.2.1. Fotojornalismo e o Papel Social	16
2.3. Tematização: Elite e Ralé	19
2.3.1. A Imprensa e o Reforço do Papel da Ralé	21
2.3.2. Unesp Bauru	23
2.4. Técnicas Jornalísticas Empregadas	25
3. Planejamento do Produto Jornalístico	27
4. Metodologia de Execução	28
5. Considerações Finais	33
6. Referências Bibliográficas	35
7. Apêndices e Anexos	37

1 INTRODUÇÃO

Se tirássemos uma fotografia panorâmica dos mais de 6.000 estudantes das três faculdades que compõem a Unesp/Bauru, veríamos uma parcela da realidade do ensino superior brasileiro. Além de um tom quase que monocromático, a fotografia retrataria a face de uma universidade extremamente elitizada. De forma geral, a Unesp é o retrato de uma sociedade que preserva seu próprio *status quo*, onde os mais ricos tendem a conseguir vantagens sociais e educacionais sobre os mais pobres.

Não quero, porém, negar aqui os avanços que vivenciamos nas últimas décadas. Medidas afirmativas que visam tentar diminuir a distância entre ricos e pobres possibilitaram o aumento do ingresso das classes menos favorecidas no ensino superior. Entretanto, o abismo social existente no Brasil, ainda se mantém. Os dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios, a PNAD¹ de 2014, realizada pelo IBGE, apontaram que 38,8% dos universitários brasileiros eram oriundos do quinto mais rico da população, enquanto na ponta oposta, apenas 7% estão entre os 20% mais pobres. Mesmo com o avanço dos últimos anos, a universidade brasileira ainda é majoritariamente branca e rica.

Estes números comprovam que convivemos diariamente com uma universidade elitista, na qual os poucos representantes das classes mais baixas são quase que confundidos com a paisagem, com o natural. A primeira vista, parecem totalmente inseridos no ambiente, mas um olhar mais atento consegue notar as diferenças que a distância social promove. Quando pensamos em relação aos servidores e prestadores de serviço do chamado "baixo clero", ou seja, jardineiros, faxineiras, seguranças, etc, o

¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2014. Disponível em <goo.gl/96fUZ2>. Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

que observamos é o fenômeno da invisibilidade pública, onde estas pessoas simplesmente desaparecem, como se nem existissem. É como que um retrato que apresentasse em cores apenas aqueles indivíduos que são considerados socialmente relevantes, e é justamente neste ponto que se constitui o objeto de minha pesquisa.

1.1 OBJETO DA PESQUISA E OBJETIVOS

A função do jornalismo é justamente agir como um agente social, posto que seu cerne se constitui em informar a sociedade, de forma clara e objetiva, expondo todo um leque de detalhes e visões a respeito de um acontecimento, para que o público possa constituir sua própria opinião a respeito daquele fato. Tanto é assim, que o código de ética dos jornalistas brasileiros, dispõe no segundo parágrafo de seu 6º artigo, que é dever do jornalista divulgar os fatos e as informações de interesse público². Mas a grande questão que se apresenta é definir o que é interesse público.

Toda e qualquer reportagem veiculada em algum veículo de imprensa, passa primeiramente pelo crivo de interesse do próprio veículo. Assim, o que define se a notícia A tem mais ou menos importância que a notícia B, não é o impacto social dessas notícias, mas a conveniência de quem a publica. Por conta desta subjetividade editorial, é tão difícil para a parcela mais excluída da população se sentir representada pela imprensa. E é justamente por fazer parte desta fatia, morando por todo o período de minha formação em um local como a moradia estudantil que abriga inúmeros estudantes de baixa renda, enquanto cursava uma faculdade extremamente elitizada, que decidi abordar como objeto do trabalho esta mesma elitização, que via, vejo, sentia

² CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. Disponível em: <goo.gl/j400Wc>
Acesso em: 01/02/2017

e sinto diariamente. De forma simplificada, meu período na Unesp Bauru, foi constituído pela dicotomia de ambientes. Ao mesmo tempo que frequentava e tinha extenso contato com uma classe média bem estabelecida, dotada de grande capital financeiro e cultural, sou nato e ainda vivo com a *ralé*, como definiu o sociólogo Jessé de Souza:

Ele [o processo de modernização brasileiro] constitui também uma classe inteira de indivíduos, não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, esse é o aspecto fundamental, das condições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação. **É essa classe social que designamos neste livro de “ralé” estrutural**, não para “ofender” essas pessoas já tão sofridas e humilhadas, mas para chamar a atenção, provocativamente, para nosso maior conflito social e político: o abandono social e político, “consentido por toda a sociedade”, de toda uma classe de indivíduos “precarizados” que se reproduz há gerações enquanto tal. (SOUZA, 2009, p. 21, grifo nosso)

O resultado destas diferenças foram bem marcantes em mim, tanto na minha formação quanto no meu pessoal. Sempre me senti mais a vontade na moradia estudantil que junto a meus colegas de curso. É como se o lugar ao qual eu realmente pertencesse fosse junto aqueles de minha própria classe social. Este fato acabou se tornando uma das primeiras questões que tive que confrontar quanto a temática e ao objeto, o distanciamento jornalístico.

Tal problemática foi uma das motivações que me fizeram adotar como objetivo principal deste projeto o retrato desta questão através da ótica do fotojornalismo, por este apresentar uma faceta diferente por conta de sua capacidade de escrever nas entrelinhas da imagem. Quando Silvio Tendler (2012)³ descreve: "A objetiva da câmera, registra a subjetividade do fotógrafo", ele aponta um fato que chega a incomodar alguns

³ TENDLER, Silvio. Caçadores de Alma, Episódio 3: Fotojornalismo, a Ética e a Caça. Documentário, TV Brasil, 2012.

jornalistas: não existe imparcialidade total (embora a frase diga respeito especificamente a fotografia, ela pode se estender a qualquer área do jornalismo).

Assim, abandonei qualquer ideia de colocar-me como representante imparcial dos fatos, tomando como objetivo do produto a realização de uma fotorreportagem em formato digital sobre a elitização da Unesp Bauru.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 JUSTIFICATIVA DE GÊNERO E FORMATO ESCOLHIDO

Tecnicamente, a fotografia está no entrecruzamento de dois processos inteiramente distintos: um é de ordem química: trata-se da ação da luz sobre certas substâncias; outro é ordem física: trata-se da formação da imagem através de um dispositivo óptico (BARTHES, 1984, p. 17).

Em outubro de 2016, Sebastião Salgado recebia o prêmio Personalidade concedido pela Câmara de Comércio França-Brasil. Na ocasião, no começo de seu discurso ele afirmou que "a fotografia está acabando". O conceito de fotografia que Salgado se referia era do modelo tradicional, o mesmo citado por Barthes. Hoje porém, o conceito de fotografia é bem diferente. Processos químicos não são mais relevantes, uma vez que não é mais necessário revelar o filme. O resultado da foto é imediato, e o número de cliques é muito maior.

O que não mudou, seja a definição de fotografia que se use, é a capacidade fotográfica em transparecer dois lados aparentemente antagônicos. Ao mesmo tempo que ela está para sempre congelada no tempo, imortalizando aqueles que nela estão, ela também continua a se mutar constantemente, no âmbito do sentido, assumindo um novo para cada um que a vê. Como cita George Brassai ao Museu de Arte Moderna de Nova Iorque:

A fotografia tem um **destino duplo**... Ela é filha do mundo do aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico sobre ele; mas ela também é filha do retângulo, um produto das belas artes, o qual requer o preenchimento agradável, ou harmonioso do espaço com manchas em preto e branco ou em cores. Neste sentido, a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas (BRASSAI, 1968, p 13, grifo nosso)

Tomando por base a construção que se dá em torno da linguagem fotográfica, o produto apresentado aqui tem como função a construção do sentido jornalístico através de fotografias. Assim, o gênero empregado, se encaixa na definição de fotorreportagem, conforme a adotada na classificação dada por João Pedro Sousa (2001), assumindo um caráter documental, abordando as faces das diferenças sociais da Unesp. A maior pretensão deste trabalho é, porém, mais que apenas fotografar estas diferenças, criar um ambiente de reflexão sobre o tema.

Quanto ao formato, o meio escolhido para a produção do produto foi o virtual. Isto porque, além de proporcionar um suporte relativamente barato, este meio possui a vantagem do alcance, quase ilimitado. Aqui, será realizado duas plataformas principais de postagem. A principal será através do site *Wix*, plataforma especializada em design de publicações pela web. A escolha do site se deu, principalmente por conta da simplicidade de navegação. Uma vez que esteja na página do projeto, toda a exploração do mesmo se dá de forma muito extintiva. O grande problema com esta plataforma é o fato dela não ser muito conhecida no Brasil, por conta disso, surgiu a ideia da dupla postagem. A plataforma secundária do projeto será o *Facebook*. A escolha se deu justamente para facilitar o acesso ao trabalho. Atualmente, a rede social conta com mais de 100 milhões de usuários ativos só no Brasil⁵. Além de aumentar o alcance da reportagem, criar uma página do facebook contendo as fotografias do projeto, impediria a restrição do trabalho a um nicho muito pequeno, o que o elitizaria, esvaziando sua crítica.

2.2 CONCEITOS E FUNDAMENTAÇÃO DO PRODUTO

Quando retornamos a história do fotojornalismo, notamos que esta está intimamente ligada com os aprimoramentos dos equipamentos fotográficos. Com a invenção e difusão do daguerriótipo, em meados do século XIX, as fotografias passaram a ser utilizadas como ilustrações em publicações europeias. Devido sobretudo as limitações técnicas, não eram raras manipulações feitas por desenhistas tendo como base as fotos originais, segundo o que aponta Jorge Pedro Sousa (2000, p. 25). De fato, o tempo de exposição, tratamento, qualidade dos meios de divulgação, entre outras inúmeras limitações, tornavam praticamente inviável a reprodução absoluta do que se era fotografado.

Com a evolução dos componentes fotográficos, a difusão da fotografia foi natural, o que também impactou o jornalismo. Enquanto a evolução da relação humana com a imagem crescia, crescia também a curiosidade dos leitores de publicações jornalísticas com o registro das matérias abordadas. Coberturas fotográficas de conflitos e guerras esgotavam os jornais. Aqui, vale ressaltar a atuação de Roger Fenton. Ele, que pode ser considerado o primeiro repórter fotográfico conforme aponta Jorge Pedro Sousa na obra *"Uma história crítica do fotojornalismo ocidental"* (2000), cobriu a Guerra da Criméia (1854-1855), a pedido do Estado britânico, que o financiou sobre a condição de não mostrar na íntegra os horrores da guerra, para não desesperar as famílias dos combatentes, nem desmoralizar os soldados. Como resultado, as fotos de Fenton, são engessadas, normalmente de soldados posando para suas lentes, ou de campos de pós-batalha, como é o caso de sua fotografia mais conhecida, o *Valley of the Shadow of Death* (1855).

Toda a obra de Fenton em relação a Criméia é sintomática para outra questão que seguiria o gênero fotojornalístico: manipulação das coberturas. A clara intenção de

utilizar as imagens como propaganda de guerra, nortearam o trabalho do fotógrafo. Em um primeiro momento, quem vê a fotografia citada não consegue perceber que se trata de um campo de guerra. É preciso um olhar mais atento para perceber detalhes como as bolas de canhão de formam as crateras, ou os rastros dos veículos bélicos. A intenção desta fotografia era não chocar.

Muito destoante da obra do repórter inglês está a cobertura de Mathew Brady na Guerra da Secessão Americana (1861-1865). Mesmo sua obra mostrando vários retratos posados, como o que aconteceu com Fenton, quando fotografava o campo de batalha, Brady não se preocupava em não chocar. Por conta disso, suas fotos sempre vinham com as imagens de soldados recém abatidos. A intenção ali era dar as fotografias uma carga dramática, para incitar a venda de jornais. Neste ponto, a fotografia teve uma enorme importância, principalmente aquelas relacionadas a violência. Mais do que notícias e fatos, a audiência estava atrás do choque. Com isso, a importância da figura do repórter fotográfico estourou, principalmente nos EUA.

No Brasil, a primeira fotografia a ser publicada em uma revista foi em 1900, na Revista da Semana. Com a publicação, nos anos posteriores vários outros veículos também se voltaram para coberturas fotográficas, como aponta Ana Maria Mauad (2004). Mas marco da história do fotojornalismo brasileiro foi a revista *O Cruzeiro*, de 1928, fruto de um amadurecimento editorial no país, que propiciaram o alastro deste tipo de publicação, que davam ênfase a matérias com alto grau de cobertura fotográfica, conforme exposto por Mauad (1999). Uma das propostas do *Cruzeiro* era justamente a separação entre o trabalho da escrita e fotográfico. Assim, a criação de

duplas repórter/fotógrafos se tornaram comuns, sendo a mais importantes delas a formada por David Nasser e Jean Manzon nos anos 50⁴.

No período seguinte, os anos de chumbo foram bem significativos para o fotojornalismo brasileiro, assim como para a fotografia social. Por conta da repressão da época, o jornalista tinha como opções se adequar aos mandes e desmandes do regime ou se arriscar por uma foto. Uma das testemunhas da época, o fotógrafo Ignácio Ferreira comentou no documentário *Abaixando a Máquina* sobre o período.

O que marcou muito foi a luta do fotógrafo em determinados momentos, como o regime militar. A gente sofria muito com isso, mas a gente ia a luta. O fotógrafo, o jornalista em geral eram muito respeitados naquela época (PLANEL; PAULA, 2008)⁵.

Com a redemocratização, o fotojornalismo exerceu um papel de destaque na transição da época. Desde então, a área tem experimentado suscetíveis períodos de reinvenção. Atualmente, vivemos um período de extrema difusão digital. Com redes sociais e *smartphones* com câmeras de alta qualidade, qualquer pessoa consegue fazer uma imagem de qualidade. Esta revolução tecnológica, ao mesmo tempo que facilitou a vida do jornalista, também levantou o questionamento da importância da figura de um fotógrafo nas redações, migrando boa parte dos que estão começando nesta área acabam se tornando *freelancers*.

⁴ CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Senac, 2001, 2ª Edição

⁵ PLANEL, Guilherme; PAULA, Renato de. *Abaixando a Máquina: Ética e Dor no Jornalismo Carioca*. Documentário, Núcleo da Imagem, 65 minutos, 2008.

2.2.1 FOTOJORNALISMO E O PAPEL SOCIAL

Quando falamos do jornalismo como um fomentador social, não podemos desassociar a isto a figura do jornalista. Em se tratando de uma fotografia é o olhar do fotógrafo que constrói, primeiramente, o sentido da imagem, antes mesmo que ela seja congelada no tempo. Todas as questões de parcialidade e objetividade jornalística, são particularmente delicadas no âmbito da cobertura fotojornalística.

Qualquer que seja o assunto registrado na fotografia, esta também documentará a visão de mundo do fotógrafo. A fotografia é, pois, um duplo testemunho: por aquilo que ela nos mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que nos informa acerca de seu autor (KOSSOY, 2001, p. 50)

É indissociável a fotografia da visão do fotógrafo. Tanto é assim, que muitos conseguem definir o autor apenas vendo a imagem. Um exemplo disso, é o caso de Sebastião Salgado. Suas lentes, normalmente, exploram temas como desigualdade social e globalização, de forma ao mesmo tempo objetiva e delicada, dando a cada imagem personalidade e leveza, o que o torna um ícone no âmbito social da fotografia. Assim, normalmente o fotojornalista que aborda temas sociais, já é aquele que os estuda, que já voltou seus olhos a eles.

O advento da internet foi, sem dúvidas, um facilitador para a divulgação de novos talentos. Você consegue entrar em contato com ideias e trabalhos de pessoas do outro lado do mundo, tomando ciência dos problemas enfrentados por aquela sociedade. Entretanto, toda essa digitalização funciona como uma faca de dois gumes. Sobre isso, diz o jornalista Alberto Dines:

A tecnologia traz avanços extraordinários. Só ver o que a internet facilita a vida do jornalista, não só do leitor. Você tem a sua disposição uma massa de informações que jamais poderia ter. Ele aperta um botão e de repente ele tem tudo o que ele precisa saber. Mas, por outro lado, isso cria uma certa dependência da internet. E hoje, no jornalismo, você tem redações onde o repórter sai pouco a rua. Ele apela mais pro telefone, pra internet. (DINES, 2011)⁶

Este contexto chega a ser pior na área do fotojornalismo. Não é incomum lermos matérias, em especial na internet, cujas imagens contém legendas indicando nomes de fotógrafos amadores ou arquivo pessoal (isto quando se dá crédito a imagem). Com todas as pessoas tendo uma câmera de qualidade nas mãos - algo que os celulares modernos propiciam – todos podem fotografar tudo, a qualquer hora. Muito embora isto não signifique em sumo o fim da figura do fotojornalista, uma vez que, normalmente, a diferença qualitativa é imensa.

Além do mais conseguir um espaço em um ambiente tão concorrido como o digital nem sempre é fácil, principalmente quando o tema abordado é um que vai contra as tendências das grandes mídias. Isto faz com que vários jornalistas que tentam se aventurar pelo ramo da fotografia, voltem-se para áreas mais lucrativas e facilmente reconhecidas, mesmo que a concorrência seja eventualmente maior.

Nota-se mais nitidamente este fenômeno, ao entrar em seções de fotojornalismo de alguns sites, como o da revista *VICE*⁷. Conhecida por ser uma forma mais alternativa de jornalismo - possível especialmente em razão dos meios digitais - é um veículo que investe na publicação de grandes fotorreportagens, tanto de brasileiros quanto estrangeiros. Analisando os arquivos desta publicação, é nítido que a maior parte das

⁶ DINES, Alberto. O Papel Social do Jornalista. Revista Digital in Jornal Grande Bahia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6r9yQ9GIFhg>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2017

⁷ Disponível em <https://www.vice.com/pt_br/topic/fotos>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2017

matérias de cunho social, dizem respeito a problemas de outros países, produzidas por profissionais destas nacionalidades. Quando olhamos para os brasileiros, a maior parte das matérias estão relacionadas com cultura, comportamento e música. Mesmo sendo o Brasil um país extremamente desigual, há a impressão que estes temas não são interessantes.

Outro ponto a ser considerado aqui, é a própria elitização da profissão. Os equipamentos para uma boa fotografia são caros. O investimento mínimo para um kit básico de uma câmera DSLR (as chamadas câmeras profissionais) é de R\$ 1.499,99⁸. Quando levamos em consideração os equipamentos mais utilizados em veículos de imprensa, os valores aumentam consideravelmente. Apenas o corpo (sem nenhum jogo de lentes) de uma Cannon EOS 1D-X, um dos carros chefes da marca, e a quarta câmera mais utilizada nas fotografias da Reuters⁹, custa R\$ 23.499,99. Já os jogos de lentes podem variar de quinhentos até mais de cinquenta mil reais¹⁰. No Brasil, o preço de um equipamento fotográfico bom, é o mesmo de um carro popular.

Um dos modelos que estão sendo feitos para a produção deste tipo de matéria fotográfica social são os coletivos. Um exemplo disto é o coletivo *R.U.A.* Criado em 2013, por conta da cobertura das manifestações de junho daquele ano, o coletivo nasceu das ideias de jovens fotógrafos que insatisfeitos com o cenário do jornalismo e da fotografia, criaram o coletivo. Desde então, eles têm realizado coberturas fotográficas em diversas pautas sociais, como o dia a dia da Frente Luta por Moradia – FLM, a transposição do São Francisco, e imagens do cotidiano paulistano,

⁸ Preço relativo a EOS Rebel T5 Kit EF-S 18-55 f/3.5-5.6. Disponível em <http://www.loja.canon.com.br/category/50636/cameras> Acesso em: 04 de fevereiro de 2017

⁹ Câmeras mais utilizadas pelos fotógrafos da agência Reuters em 2012. Disponível em: <http://goo.gl/0bKoqG>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

¹⁰ Disponível em <http://www.loja.canon.com.br/category/50621/lentes> Acesso em: 04 de fevereiro de 2017

centrando-se na vida de excluídos e marginalizados. Essencialmente, o coletivo funciona como uma agência de notícias. Além da venda de matérias, o financiamento ainda é provido através de publicações variadas, oficinas e exposições.

O trabalho de grupos como o R.U.A, e outros, é extremamente benéfico a sociedade. Para o pesquisador da UnB, André Ricardo Nunes Martins, o olhar da mídia para estas minorias, é essencial para a consolidação democrática brasileira.

Sem essa conversão de sujeitos e de processos de produção a essa perspectiva democrática, é de se temer, seja pelo alcance, ou mesmo pelo futuro dessa democracia. Uma nova perspectiva discursiva dos meios de massa em relação às minorias surge como prioridade nessa tarefa de ampliar os horizontes do processo de democratização na sociedade brasileira (MARTINS, 2005).

O dever do jornalista é ser um agente social, de denunciar e expor seus problemas. O patrono do jornalismo brasileiro Hipólito da Costa, escreve na primeira edição do Correio Brasiliense (1808): "O primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela". Quando pensamos no exercício do jornalismo, este dever é ainda mais notório. O profissional da imprensa tem um dever de ser útil a sua sociedade. Assim, o papel social do fotojornalista é traduzir em imagens algo relevante ao público, em especial, sendo este público um grupo de excluídos socialmente.

2.3 TEMATIZAÇÃO: ELITE E RALÉ

O "Painel", da Folha, informa que a rainha Dilma Rousseff, a Muda, vai ficar mais próxima da ralé. Quer dizer, isso é interpretação minha. Ela ficaria mais perto do "povo". Boa! Vai ter quebra-queixo, aquele negócio de repórter meter microfone e gravador diante da boca da "otoridade", na linha "fala-aí", com todos perguntando ao mesmo tempo? (AZEVEDO, 2011)

O show de horrores que representa esta declaração foi escrita pelo senhor José Reinaldo de Azevedo e Filho, colunista da revista Veja, foi postada sobre o título "*Dilma: agora ela vai ficar mais perto da ralé*". O que observamos aqui é, justamente, a definição que setores mais conservadores da sociedade e da imprensa tem dos mais pobres. Sobre uma sombra meritocrática, jornalistas como Azevedo, e muitos outros, consideram qualquer aproximação ou medida de agentes públicos voltadas para os mais pobres, como populismo barato, uma espécie de compra de votos legalizada, como afirmou o presidente do Superior Tribunal Eleitoral e membro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes(2016) durante o seminário Soluções para Expansão da Infraestrutura no Brasil, promovido pela Câmara Americana de Comércio Brasil-Estados Unidos e pela Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base, em São Paulo: "Com o Bolsa Família generalizado, querem um modelo de fidelização que pode levar à eternização no poder. A compra de voto agora é institucionalizada".

Este tipo de pensamento baseia-se no fato que medidas que tentam diminuir a distância entre ricos e pobres, são vistas como o atestado da preguiça das classes mais baixas. Ignora-se que estas atitudes afirmativas tiraram milhões de brasileiros das pobreza, e deram a estes condições de ascender socialmente.

O que se pressupõe pelas classes dominantes é que, com trabalho duro e determinação, qualquer um consegue o que quiser sem ajuda de governos. O próprio jornalismo adora propagar esta ideia de "vencer pelas próprias pernas". Casos de jovens pobres, ou moradores de rua, que estudam por conta própria e passam nas primeiras colocações de grandes concursos ou vestibulares são colocados nas

primeiras páginas dos jornais, e capas de portais de notícias como um exemplo de superação de quem não se acomodou.

O que não é dito é que ambos os casos tratam-se de evidências anedóticas. O fato de algo assim virar notícia, só mostra o quão raro ele é. Não vemos manchetes em jornais enaltecendo filhos de grandes empresários que passaram em universidades públicas. Isto já é o esperado.

2.3.1 A IMPRENSA E O REFORÇO DO PAPEL DA RALÉ

Não é difícil perceber a diferença do discurso que a mídia tradicional dá a ricos e pobres. Mais do que a seletividade de pautas, o próprio discurso adotado muda completamente conforme os atores inseridos neles. Este fenômeno é facilmente reconhecido apenas analisando dois textos distintos do jornal Extra, pertencente ao grupo O Globo. Na matéria "Traficantes de drogas são presos em flagrante por equipe da Operação Lapa Presente"¹¹, vinculada no dia 09 de fevereiro de 2015, toda a construção do texto se dá contendo vários juízos de valores sobre os presos, enquanto enaltece os responsáveis pela prisão. Já no início do texto o jornal afirma que os policiais prenderam quatro *traficantes* de drogas. O problema no texto é que, embora a prisão tenha sido feita em flagrante, a constituição brasileira afirma em seu quinto artigo, inciso LVII que "ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória", o chamado pressuposto da inocência. Chama-los de traficantes é impor um crime que ainda não foi julgado. O mesmo não acontece em outra matéria publicada algumas semanas antes. Em "Jovens de classe média são presos com cerca de 350 quilos de maconha e pistolas"¹², o termo traficante desaparece

¹¹ JORNAL EXTRA. Disponível em: <goo.gl/76MOs3>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

¹² JORNAL EXTRA. Disponível em: <goo.gl/SjnYh3>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

por completo. Até mesmo o termo tráfico é evitado na publicação. O aspecto social é evidente.

Esta mudança de termos parece algo simples, mas é sintoma de um problema mais sério. Quando analisamos os comentários que essas notícias, sejam nos próprios portais, sejam em redes sociais, vemos que sempre há uma ponderação por parte de alguns leitores em relação a segunda notícia. São apenas jovens que cometeram erros. Já a primeira, que taxa os indiciados com muito mais ferocidade, o discurso em geral é de fomentação de ódio. Quando são apontadas razões envoltas em classe e raça, estes comentários são classificados como *"mimimi de internet"*.

É impossível negar que o Brasil é um país violento. Das cinquenta cidades mais violentas do mundo segundo a ONG Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal, em 2015, o país tinha 21 das 50 cidades mais violentas do mundo¹³, excluindo zonas de guerras. E esta violência tem cor.

Segundo dados do Mapa da Violência de 2016¹⁴, podemos notar que em 2014 foram registrados um total de 42.291 homicídios por arma de fogo no Brasil. Deste total, 29.813 foram contra pretos ou pardos, enquanto 9.766 vitimaram pessoas brancas. Isso representa que, de 2003 até 2014, o número de brancos mortos por arma de fogo diminuiu 26,1%, enquanto o de negros cresceu 46,9%. Estes fatos são, com raras exceções, quase que totalmente ignorados pela mídia. Ao ignorar estes temas, a imprensa acaba negligenciando seu compromisso em informar. O resultado é uma multidão que não compreende plenamente os problemas sociais brasileiros, embora tenha certeza do contrário. Como afirma Jessé de Souza (2009, p.16): "Quando se

¹³ PORTAL G1. Brasil tem 21 cidades em ranking das 50 mais violentas do mundo. Disponível em: <goo.gl/mVTlwf>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

¹⁴ FLACSO BRASIL. Mapa da Violência 2016: Homicídios por armas de fogo no Brasil. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2016_armas.php>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

sabe pouco sobre assuntos tão importantes, não só não se admite que não se sabe, como tenta-se também passar a impressão de que se sabe muito".

2.3.2 UNESP BAURU

Ao entrarmos em um universo mais próximo ao nosso vemos, até com maior clareza, essa distinção sócio/racial. Composta por três faculdades extremamente distintas entre si (a FEB, Faculdade de Engenharia de Bauru, FC, Faculdade de Ciências e FAAC, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação), a Unesp Bauru é capaz de dimensionar perfeitamente toda esta problemática.

Quando fazemos uma análise dos cursos de engenharia, que historicamente gozam de um maior prestígio ante a sociedade e que, no futuro, gozarão de altos salários além de consideráveis poderes sociais e políticos, percebemos um ambiente frequentado quase que inteiramente, por uma classe média abastada, com ótima condição financeira e educacional, além de ser em sua grande maioria branca. Estes jovens, que tiveram condições de estudar em boas escolas particulares, tiveram também a chance de se preparar para o vestibular contando com vantagens imensas sobre os estudantes de escolas públicas, normalmente sucateadas, e com profissionais desvalorizados. Este mesmo fenômeno pode ser observado em outros cursos cuja a concorrência de entrada é maior, em outras faculdades, como arquitetura, psicologia ou mesmo jornalismo. Esta ação do capital criou uma enorme distinção entre ricos e pobres e, como é impossível desassociar a questão social da racial no Brasil, entre brancos e negros.

Assim, chegou--se ao consenso de que na educação e na saúde, por exemplo, a ação do mercado, deixado a si próprio, termina por dar educação e saúde de alta qualidade aos ricos e privilegiados e educação e saúde de baixa qualidade aos pobres (SOUSA, p.85)

Toda esta problemática, põe em xeque a questão da meritocracia. É como se fosse uma corrida onde todos largassem ao mesmo tempo. O problema é que enquanto alguns correram a bordo de carros esporte, a maioria terá que enfrentar a pista de pés descalços e um peso amarrado a cintura. Comparar um jovem, nascido em uma família abastada e bem estruturada, cuja a única preocupação sempre foi essencialmente os estudos, com um nascido às margens de uma sociedade exclusiva, muitas vezes criado apenas pela mãe e que, além de conviver um ensino sucateado, tem que trabalhar desde cedo para complementar a renda da família, chega a ser ridículo. Não atoa, este discurso meritocrático falacioso acontece particularmente em países onde a desigualdade é maior, conforme dados apontados por Robert H. Frank em sua obra *Good Fortune and the Myth of Meritocracy* (2016).

Algumas atitudes até vem sendo tomadas para mudar este cenário, mas elas acabaram criando um novo problema. Os alunos oriundos de classes menos favorecidas econômica e socialmente, estão se concentrando cada vez mais em cursos de licenciatura, menos procurados nos vestibulares. Para se ter uma noção, o curso de arquitetura apresentou no vestibular de 2016, uma relação de 51,4 candidatos por vaga, enquanto nenhum dos cursos de formação de professores, as licenciaturas chegaram a 10 candidatos por vaga¹⁵. Isto é um retrato que mostra o porquê da "ralé" buscar mais este tipo de curso. Como não possui as mesmas condições educacionais da elite, a tendência é buscar áreas de concorrência menor, mesmo que isto signifique menores salários. No entanto, vale lembrar que mesmo nestes cursos, o número de pobre é pequena.

Outro ponto que vale ressaltar é o fato que boa parte dos estudantes da Unesp Bauru ficam-se muito restritos ao chamado "mundo acadêmico". A própria universidade

¹⁵ VUNESP. Relação candidato por vagas vestibular 2015. Disponível em <http://vestibular.unesp.br/pdf/2016/candvaga_17_10_2015.pdf>. Acesso em 06 de fevereiro de 2017

está inserida em um local com algumas áreas carentes ao seu redor. Uma delas é o Jardim Nicéia, localizado a menos de 300 metros da universidade, mas onde a maioria dos estudantes jamais colocou (ou colocará) os pés. Assim como o jornalismo, a universidade pública tem o dever de servir a sociedade. Quando levamos em consideração que são os impostos que pagamos que mantêm a universidade, este dever se torna ainda maior. Mas, o que vemos é um acasulamento acadêmico em seu próprio mundo. Mesmo ações como o jornal *A Voz do Nicéia* ou o *Ferradura* que tentam por em pauta os acontecimentos destas comunidades, barram no aporte financeiro, que tem tido extensa dificuldade de obtenção graças às políticas da reitoria.

2.4 TÉCNICAS JORNALÍSTICAS EMPREGADAS

A escolha da técnica fotográfica para a construção da reportagem, em vez da tradicional construção escrita por conta da capacidade de uma dupla construção de sentido. Além do sentido que eu pretendo colocar em cada fotografia, há também o sentido construído pelo próprio leitor. A estética artística (embora eu não tenha a pretensão de construir uma narrativa que se enquadre em conceitos de arte) aliada a objetividade jornalística, cria um ambiente propício para a exposição de causas sociais. Uma única fotografia, pode conter informações suficientes para a construção de uma matéria jornalística por si só. A compreensão de uma imagem depende, essencialmente do olhar do espectador.

Ao observarmos uma fotografia, devemos estar conscientes de que a nossa compreensão do real será forçosamente influenciada por uma ou várias interpretações anteriores. Por mais isenta que seja a interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre conforme a interpretação primeira do fotógrafo, que optou por um aspecto determinado, o qual foi objeto

de manipulação desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento, até a obtenção da imagem final (KOSSOY, 2001, p. 113)

Além do claro aporte fotojornalístico, outras técnicas que foram empregadas são o jornalismo digital e a produção gráfico-editorial. O trabalho de diagramação e edição das fotografias foram feitos para auxiliar na construção do sentido da reportagem. Como será explicado posteriormente, a forma da diagramação não foi escolhida por acaso, mas para gerar a idéia pretendida no leitor.

3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO

Todo o planejamento do projeto se deu através da análise de outros trabalhos da área. Os principais locais de pesquisa se deram nos já citados websites da revista *Vice* e do coletivo R.U.A, por conta da similaridade de ideias no campo da fotografia. Com relação ao público-alvo do projeto, ajusta-se ao mesmo de ambas as publicações, um público jovem, de classe média e universitário. Esta escolha se deu, para que as imagens possam, juntamente com a bagagem cultural do leitor, assim como sua vivência no dia a dia das universidades. Porém, como o tema do trabalho é elitização, apareceu a questão de, focando-se neste público, o próprio trabalho seria também elitizado, por conta disso, uma das plataformas utilizadas neste trabalho será a rede social facebook, a fim de universalizar a abrangência do público da reportagem.

Por conta de seu aspecto digital, a viabilidade econômica se torna bem simplificada, o que seria o ideal a mim, por conta também de minha própria condição financeira, bem baixa. Por conta disso, os custos de implementação e lançamento do produto se tornam quase nulas, tendo eu que arcar apenas com os custos de transporte urbano, quando necessário. Outro fato que o aporte digital possibilita, é a circulação quase ilimitada. Com isso, aliada ao aspecto do problema, dá ao trabalho um aspecto atemporal. Embora a reportagem esteja ligada a um contexto histórico e geográfico, a Unesp atual, como o problema é algo que se repete no ensino superior brasileiro como um todo, e graças a medidas do governo federal em exercício tende a se manter, ou mesmo piorar, toda a linha narrativa irá se perpetuar em períodos vindouros.

4 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Por tratar-se de um projeto prático, culminando na realização de uma fotorreportagem, cuja maior pretensão é realizar uma crítica sobre a elitização no ambiente acadêmico, o primeiro passo que mostrou-se necessário foi a pesquisa documental a respeito da desigualdade no Brasil. Aqui a análise da obra de Jessé de Sousa foi de sumária importância para a compreensão do tema. Além disso, outro ponto que me atentei nesta primeira fase, teórica, do projeto foi o contato com a obra de outros fotógrafos que tratam da mesma temática. Além da obra de Sebastião Salgado, baluarte do fotojornalismo nacional, que dedicou vários anos de sua carreira documentando temas sociais, tomei contato com o trabalho de outros fotógrafos como Jardiel Carvalho, André Kfoury e Filipe Mendes.

Após a escolha bibliográfica, iniciou-se a etapa da constituição da pauta da fotorreportagem em si. Além do afinamento da temática, houve a definição que o projeto seria realizado com base no retratamento de dois locais: o campus da Unesp Bauru e a moradia estudantil da instituição. Por conta da temática do trabalho ser elitização no meio acadêmico, pareceu propício a utilização de ambos os ambientes, uma vez que assim seria mais simples evidenciar as diferenças sociais inseridas na universidade. Aqui, o ponto central das fotografias, como do trabalho como um todo, são os estudantes. Além disso, definiu-se também que seria feito o retrato de servidores junto a esses estudantes. Com base em todo o planejamento, foi definido um período de cinco meses para a realização do trabalho. O planejamento, porém, sofreu uma mudança. Por conta de um grave problema familiar, o mês de dezembro praticamente foi direcionado ao pessoal. Assim, a elaboração do projeto se deu em quatro meses.

O trabalho fotográfico teve seu início no dia 25 de novembro de 2016. Neste dia, uma sexta-feira, vários alunos da moradia estudantil tiveram que se dirigir até a sede do GAC, o Grupo Administrativo do Campus, para que pudessem comprar refeições para o restaurante universitário para a semana seguinte. Tal atitude, repete-se semanalmente, por conta do sistema de vendas do R.U. Como as refeições são vendidas pelo site da Unesp no primeiro dia útil da semana, depende-se da qualidade da internet e da disponibilidade dos estudantes para efetuar as reservas. Como, muitas vezes, os moradores da Moradia Estudantil de Bauru não tem sucesso, por conta das limitações do local, como a internet do campus, cuja qualidade deixa a desejar, ou o fato de muitos estudantes terem aulas matutinas, eles têm que realizar a compra das refeições remanescentes no último dia útil da semana. Para não perder as refeições, os moradores saem da moradia por volta das 5 horas da manhã. Como o GAC só abre suas portas a partir das 8 horas, os estudantes ficam por várias horas, aguardando na fila, como mostra a fotorreportagem a partir da fotografia 13.

O restante das fotografias foram tiradas ainda no final de novembro e por todo mês de janeiro. Em todo o trabalho mais de 100 fotografias foram tiradas, utilizando uma câmera Canon T3i, lente 18-55mm, e um celular, marca Samsung Galaxy J1, ambos os aparelhos de minha posse. O uso de ambos os aparelhos foi feito por conta da natureza das fotografias. Em diversos momentos eu saí de minha residência com a única intenção de realizar as fotos do projeto. Nessas ocasiões utilizei a câmera, por conta da qualidade técnica. Porém, não raro, não saía de casa com a intenção de realizar a fotorreportagem. No entanto, no trajeto o momento fotográfico mostrava-se a mim. Aqui foi usada a câmera de meu celular.

Após a realização das fotografias comecei a etapa do tratamento das fotografias. Aqui foi levantado uma problemática: a questão da manipulação imagética. Por se tratar de uma representação jornalística, qualquer manipulação pode ser considerada

antiética. Por essência, o fotojornalismo se trata da representação da realidade. Um exemplo deste problema é justamente o vencedor de um dos prêmios mais importantes da área do fotojornalismo no mundo, o *World Press Photo*.

Em 2013, o grande vencedor do prêmio foi o fotógrafo suíço Paul Hansen, com a fotografia *Gaza Burial*. Pouco tempo depois, foi levantada a hipótese de manipulação da fotografia. O fotógrafo teve que apresentar o arquivo original para provar a autenticidade da imagem.

Por conta de toda a polêmica a respeito do uso de ferramentas de manipulação de imagem em fotografias jornalísticas, foi decidido que na realização do trabalho não seria utilizado estes programas. Assim, a única diferença dos arquivos originais e das imagens postadas diz conta a saturação. Por causa das diferenças de luz e foco, a maior parte das fotografias foram feitas a cores e, depois, passadas a preto e branco. Também foram feitos recortes para evitar a divulgação de placas veiculares, por exemplo.

Com todas as etapas concluídas, foi feita a postagem na página do trabalho e publicado no dia 12 de fevereiro. Concomitantemente, foi postado também na página do projeto na rede social facebook.

Em relação ao site, foi decidido o uso de um design mais minimalista, sem muita poluição visual em todo o site para não agredir o olhar do leitor. Isso faz com que todo o site obedeça um mesmo padrão, simples e que privilegia a própria reportagem. O padrão de cores segue também a reportagem, com tons de preto, branco e cinza. Além disso, todas as imagens do site são de minha autoria.

A página inicial do site mostra o título do projeto, além de três botões que direcionam as páginas de explicação, *Sobre o Projeto*, informações sobre a moradia estudantil, *Moradia Estudantil*, além da própria fotorreportagem, *Elitização em Preto e*

Branco. Ao clicar em qualquer dos botões, o leitor é redirecionado a sua respectiva página, que também conta com botões direcionadores.

A primeira página na lista de botões, também é a mais importante. Trata-se da própria fotorreportagem. Além da capa do trabalho, o trabalho é formado por uma galeria com 21 fotografias. As três primeiras já constroem um sentido de dualidade, sem uso de pessoas. Elas contêm apenas veículos, sempre um associado com classes mais abastadas e um com as mais pobres. O enquadramento das duas primeiras fotos tenta privilegiar os veículos mais elitizados no olhar do leitor. Na terceira ocorre o inverso, com o foco voltado ao Fusca, por conta deste ser quase um símbolo das classes mais baixas do Brasil.

A fotografia seguinte representa a primeira inserção de uma pessoa nas imagens. Ainda assim, a construção de sentido se dá por conta dos veículos que cercam a mulher. Isso é feito para dar uma ligação entre as imagens. Após ela, começa uma pequena série de comparação entre servidores e alunos. Não foi atoa que a primeira imagem desta série seja a do estudante olhando para o letreiro do refeitório dos servidores. A expressão corporal do aluno, aliado a direção de seus olhos dá um sentido de surpresa a ele, como se nem soubesse da existência daquele lugar. A foto seguinte confirma esta invisibilidade social, com o mesmo estudante ignorando a figura da funcionária. A sequência termina na foto 10. Esta foto em particular representou um certo desafio para mim, uma vez que vi uma cena similar a alguns meses, mas por falha minha não consegui o retrato na ocasião. Na última semana de janeiro, porém, ao me dirigir para aula, vi a funcionária limpando o corredor enquanto alguns alunos passavam, sem sequer olhar para ela. Assim, fiquei com minha câmera a postos e consegui esta fotografia que, em minha opinião, representa bem as diferenças entre classes na Unesp.

A próxima fotografia marca o começo da última sequência de fotos do trabalho, a que retrata os moradores da moradia estudantil. Obedecendo o princípio da impessoalidade, que é marca da maioria das fotografias, o retrato mostra dois pés, um preto, com chinelo e marcas de uma população pobre e outro calçado com uma grande marca. A partir da foto 13, onde é retratada as primeiras horas da manhã do dia 25 de novembro de 2016, o foco volta-se a uma das principais dificuldades dos moradores da moradia da Unesp. Por conta da forma que é feita a reserva das refeições semanais do restaurante universitário, assim como o baixo número de refeições diárias, os residentes da moradia estudantil tem que, semanalmente, acordar por volta das 5 horas da manhã do último dia útil, a fim de garantir a compra de refeições para a semana seguinte. Mesmo a venda sendo iniciada às 8 horas, com a abertura do G.A.C, se não permanecerem tantas horas aguardando, eles correm o risco de não conseguir a compra. Até a foto 18 há esse retratamento. No final da série, foi planejado a mostra de contrastes. Do morador dormindo no corredor na foto 19 e do grupo de moradores juntos na cozinha apertada da foto 20, a Unesp em cores da última fotografia. A foto 21 é a Unesp que vemos e reparamos mas, como visto no restante da fotorreportagem, não é a única.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto experimental “Elitização em Preto e Branco” é uma fotorreportagem realizada em formato digital que visa fomentar a discussão, por meio da linguagem fotojornalística, da questão da desigualdade e elitização dentro dos muros da Unesp/Bauru. Como foi citado, o local é muito próximo a todos nós, no entanto, talvez por isso mesmo estejamos tão acostumados com o modelo no que a universidade está inserida. A questão que quero fomentar com esse projeto é se é realmente normal, em um país de maioria negra e pobre, estarmos em um ambiente tão branco e elitista.

A chance de me aprofundar nessas sociais foi um grande motivador para a realização deste trabalho. Penso na construção jornalística como uma construção política e, no momento que atravessamos, com o país mergulhado em uma crise institucional por conta do golpe de 2016, a tendência é que o abismo social entre ricos e pobres só aumente, assim como o grau de invisibilidade destes últimos. Acredito que é dever do jornalista ser a voz de quem não é ouvido. A chance de retratar uma Unesp que ninguém se importa em ver, e justamente a Unesp com a qual convivi durante todo o tempo de meu curso, por ser parte dela, é uma oportunidade única. Fazer isso através das lentes de uma câmera, pela ótica do fotojornalismo, área que conquistou meu interesse desde o primeiro contato, é algo completamente apaixonante.

Quanto às dificuldades, admito que foram muitas. A maior delas talvez tenha sido a questão econômica. Por ter grande carência na área, não tinha condições de adquirir livros que seriam usados no trabalho. Muitos deles, que não estavam disponíveis na biblioteca do campus. Por conta dessa dificuldade, tive que trabalhar alguns fins de semana para que pudesse pagá-los, o que prejudicou alguns aspectos pessoais, como meus horários.

Outro obstáculo do trabalho diz respeito a minha inépcia no campo de webdesign. A diagramação da página foi um problema que enfrentei, dado a minha falta de familiaridade no campo. Aqui vale o ressaltar da imprescindível ajuda dos amigos Bernardo Fontaniello e Raul Molina, os quais me deram várias dicas de posicionamento e diagramação.

Mais do que apenas um trabalho de conclusão de curso, este projeto me propiciou a chance de mergulhar em várias questões que, muito provavelmente, nortearam minha carreira como jornalista. Além das questões de cunho social, o contato com o trabalho de outros grandes nomes da fotografia apenas fez com que meu próprio trabalho na área tomasse contornos mais definidos, e até mesmo pessoais. Vejo em cada fotografia que tenho melhorado no campo que escolhi.

Além do mais, vale reforçar a importância do projeto para conhecimento e experiência pessoal. Por possuir uma auto-estima muito baixa, além de sofrer com depressão, sempre me vi com um pária. Durante toda a minha formação tive a impressão que não fazia parte do mesmo grupo que meus colegas, era como se eu estivesse sozinho dentro da universidade, enfrentando todos os dias a certeza que aqui não é o meu lugar.

No entanto, nos últimos meses, tomei contato com pessoas e situações muito claras a mim. O classismo que vivenciei não é uma face que olha apenas para mim. Além do mais, as dificuldades que enfrentamos todos os dias, dentro da moradia estudantil, me deu a total certeza que mereço e merecemos estar onde estamos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Reinaldo. ***Dilma: Agora ela vai ficar mais perto da ralé***. Blog Reinaldo Azevedo, Portal Veja, 20 fev 2011. Disponível em <<https://goo.gl/tFllaU>>. Acesso em 07 de fevereiro de 2017

BARTHES, Roland. ***A Câmara Clara***. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

BRASIL tem 21 cidades em ranking das 50 mais violentas do mundo. Portal G1, Rio de Janeiro, 25 jan 2016 Disponível em: <goo.gl/mVTlwf>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

CARVALHO, Luiz Maklouf. ***Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro***. São Paulo: Senac, 2001, 2ª Edição

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. Disponível em: <goo.gl/j400Wc> Acesso em: 01/02/2017

DINES, Alberto. ***O Papel Social do Jornalista***. Revista Digital in Jornal Grande Bahia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6r9yQ9GIFhg>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2017

FLACSO BRASIL. ***Mapa da Violência 2016: Homicídios por armas de fogo no Brasil***. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2016_armas.php>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

FRANK, Robert H. ***Success and Luck: Good Fortune and the Myth of Meritocracy***. New Jersey, Princeton University Press, 2016

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. ***Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2014***. Disponível em <goo.gl/96fUZ2>. Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

JOVENS de classe média são presos com cerca de 350 quilos de maconha e pistolas. Portal Jornal Extra, Rio de Janeiro, 27 mar 2015. Disponível em: <goo.gl/76MOs3>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

KOSSOY, Boris. ***Fotografia & História***, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

MAUAD, A.M^a. ***Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social, no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX***, In: Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe, vol. 10, n° 2, Tel Aviv, 1999.

MAUAD, A.M^a. ***O olho da história: fotojornalismo e história contemporânea***, In: Portal Comciência, 10 mar 2004, Disponível em <goo.gl/DDJBR>. Acesso em 03 de fevereiro de 2017

MENDONÇA, Hipólito J. C. P. Furtado de. Correio Braziliense, Londres, ed.1, 1 jun 1808.

PLANEL, Guilherme; PAULA, Renato de. ***Abaixando a Máquina: Ética e Dor no Jornalismo Carioca***. Documentário, Núcleo da Imagem, 65 minutos, 2008.

RIBEIRO, José Hamilton. In: BESSA, Silvia. ***O Jornalista não pode se deixar levar por preferências políticas***. São Paulo, Revista Imprensa: Jornalismo e Comunicação. Acesso em: 07 de fevereiro de 2017

SOUZA, Jessé. ***A ralé brasileira: quem é e como vive***, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009

SOUZA, Jorge Pedro. ***Uma história crítica do fotojornalismo ocidental***. Chapecó: Grifos, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

TENDLER, Silvio. ***Caçadores de Alma, Episódio 3: Fotojornalismo, a Ética e a Caça***. Documentário, TV Brasil, 2012.

TRAFICANTES de drogas são presos em flagrante por equipe da Operação Lapa Presente. Portal Jornal Extra, Rio de Janeiro, 09 fev 2015. Disponível em: <goo.gl/76MOs3>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017

VUNESP. ***Relação candidato por vagas vestibular 2015***. Disponível em <goo.gl/ZuEPFh>. Acesso em 06 de fevereiro de 2017

7 APÊNDICES E ANEXOS

Especificações técnicas das fotografias utilizadas na fotorreportagem “Elitização em Preto e Branco”.



Capa - ISO 100, 37mm, f/6,3, 1/100seg

A foto de capa do trabalho é basicamente uma síntese dele. O estudante, pobre e negro, visualiza uma universidade elitista e branca.



Foto 1 - ISO 100, 29mm, f/5,6, 1/80seg

Todo o trabalho é construído através de dualidades. Aqui entre o veículo de luxo e a bicicleta.



Foto 2 - ISO 100, 18mm, f/7,1, 1/20seg

Mais uma dualidade. O Chevette ao fundo contrasta com a figura do Golf em primeiro plano. Este último pode custar mais de R\$ 70 mil.



Foto 3 - ISO 400, 39mm, f/5,0, 1/60seg

Colocando em primeiro plano o fusca, em oposição a carros de luxo ao fundo, pretendo mostrar o isolamento das classes mais pobres.



Foto 4 - ISO 100, 55mm, f/7,1, 1/160seg

Aqui há a primeira inclusão de uma figura humana. Cercada por carros, ela é quase irrelevante.



Foto 5- ISO 100, 21mm, f/3,5, 1/30seg

Aluno bebe água em frente ao refeitório dos servidores. Seu olhar e linguagem corporal denota surpresa, como se ele nem soubesse da existência do lugar.



Foto 6 - ISO 100, 18mm, f/4,5, 1/50seg

Mesmo estudante da foto anterior. Enquanto ele enche sua garrafa d'água, uma funcionária passa por ele. Barra de ferro funciona como um separador social.



Foto 7 - ISO 100, 37mm, f/7,1, 1/125seg

Funcionários ao fundo são invisíveis aos estudantes em primeiro plano.



Foto 8 - ISO 100, 3,31mm, f/2,2, 1/100seg

Esta é uma de minhas fotos preferidas. Sintetiza a invisibilidade social dos funcionários da Unesp. O homem branco que passa, mal olha para o funcionário, como se ele não existisse.



Foto 9 - ISO 200, 55mm, f/5,6, 1/80seg

Focando-se na planta, dá a impressão que o funcionário ao fundo, desfocado, confunde-se com a paisagem.



Foto 10 - ISO 100, 3,31mm, f/2,2, 1/35seg

Novamente a funcionária, negra, parece invisível para quem passa.



Foto 11 - ISO 400, 55mm, f/5,6, 1/60seg

Nova dualidade, desta vez entre o pé negro de chinelo e o pé branco com um tênis de marca importada.



Foto 12 - ISO 100, 42mm, f/7,1, 1/125seg

Os estudantes, todos moradores da Moradia Estudantil, são quase espremidos na foto. É como se o carro tivesse maior importância social.

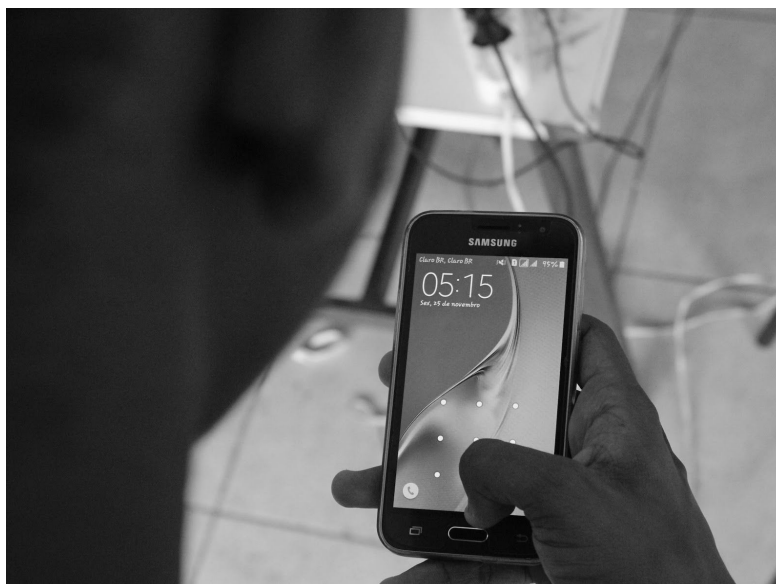


Foto 13 - ISO 3200, 43mm, f/7,1, 1/160seg

Semanalmente, os residentes da Moradia Estudantil de Bauru, tem que acordar às cinco da manhã para comprar refeições do R.U. Venda começa apenas às oito.



Foto 14 - ISO 6400, 34mm, f/7,1, 1/13seg

Para não correrem o risco de ficar sem refeição na semana seguinte, os estudantes chegam a esperar três horas para a compra.



Foto 15 - ISO 6400, 55mm, f/7,1, 1/25seg

Não importando o clima, a cena se repete todo último dia útil de cada semana



Foto 16 - ISO 6400, 49mm, f/7,1, 1/13seg

Os estudantes matam o tempo conversando, lendo ou simplesmente dormindo.



Foto 17 - ISO 6400, 47mm, f/7,1, 1/13seg

Todo o suplício seria evitado caso o R.U oferecesse mais refeições, ou o sistema de vendas fosse mais inclusivo.



Foto 18 - ISO 6400, 55mm, f/7,1, 1/13seg

Como as reservas das refeições são online, estudantes com internet de alta velocidade tem prioridade na compra. O que não é o caso da Moradia Estudantil.



Foto 19 - ISO 100, 3,31mm, f/2,2, 1/15seg

Com vaga para 32 residentes, a Moradia Estudantil tem hoje 49 moradores. A tendência é piorar neste ano. Aqui, um estudante dorme no corredor.



Foto 20 - ISO 320, 18mm, f/3,5, 1/30seg

Almoço na Moradia Estudantil. Ambiente pobre é melhorado graças a cooperação entre os moradores.



Foto 21 - ISO 125, 33mm, f/4,5, 1/50seg

Por fim, a Unesp que vemos todos os dias. Branca, elitista e a cores. Quem não pertence a este grupo, quase que desaparece ante a multidão, como o aluno negro na fotografia.